



# TEZZA, A TIRANIA, O AMOR E A TIRANIA DO AMOR

Por Vivian Schlesinger\*

Guilherme Pupo/Reprodução



 Cristóvão Tezza, o mais premiado autor brasileiro.

“Uma vida pela frente, isso não existe. As pessoas não costumam ter uma vida pela frente; de concreto, temos apenas uma vida para trás”, conforme Otávio Espinhosa, economista que se diz tataraneto do grande filósofo do Século XVII. Espinhosa fala sem parar, mas ninguém escuta porque o monólogo se dá dentro de sua cabeça. Também por ele ser um personagem de ficção: é o protagonista multifacetado, perplexo e plausível do romance *A tirania do amor* (Todavia, 2018), de Cristóvão Tezza.

Ninguém melhor do que Tezza para verbalizar a angústia de um homem preso no corredor que leva das perdas do passado à liberdade reinventada do futuro. Autor de 15 romances, além de livros de contos e crônicas, poesia, crítica literária e ensaio, é sem dúvida o mais premiado autor brasileiro. Sua obra tem sido igualmente recebida por leitores e críticos de mais de 20 países, o que atesta sua universalidade. Aqui no Brasil Tezza é considerado um “autor dos autores”, cuja obra é objeto de estudo e discussão. O fracasso e recomeço, as diminutas escolhas que acabam definindo nosso destino, a *indissociabilidade* entre liberdade e solidão são apenas alguns dos imensos temas que ele aborda com técnica narrativa sofisticada mas de leitura fluida e sedutora.

Em *A tirania do amor* tudo muda na vida do protagonista em rápidas 24 horas, narrado entre o espaço claustrofóbico de um prédio comercial e um restaurante de sushi na Avenida Paulista. É o ano de 2017. Ou seja, aqui e agora para qualquer brasileiro. Espinhosa é um homem e sua difícil circunstância. De um lado, o casamento que estertora entre adultério e indiferença, o filho parasita, militante sem causa e o emprego ameaçado por empresários corruptos. No outro prato da balança estão a colega de trabalho rica, jeitosa, inteligente e interessada nele, e mais importante, a filha sincera, amorosa e normal.

O dia da virada começa na madrugada, quando, a caminho da cozinha em busca de um copo de água depara-se com os e-mails de sua mulher ao amante, escancarados no computador curiosamente esquecido sobre a mesa. Apesar da taquicardia e a náusea mediante a descoberta, ele não perde os sentidos - ao contrário, passa a enxergar e ouvir como nunca.





Nas 24 horas seguintes, Espinhosa lava mentalmente sua roupa suja até o limite da angústia. Apenas as paredes de vidro do escritório o impedem de atirar-se lá do alto. Nesses momentos extremos lança mão daquilo que sempre soube controlar: números. Onde alguns infelizes seriam compelidos a escrever (maus) poemas ou consumiriam um maço de cigarros, nosso economista inventa e resolve equações, calcula a taxa do DI, conta e reconta os passos de uma calçada a outra. Autismo? Não, apenas um dote para matemática usado desde a infância para neutralizar a ausência da mãe, morta, e a presença sísmica do pai, estelionatário mulherengo.

A matemática como rota de fuga o ajudou a seduzir as três mulheres de sua vida - Teresa, Rachel e Débora - e a garantir o emprego ao qual se dedicou durante décadas.

A descoberta da madrugada destampa o esgotamento que se espalha e avoluma feito gás tóxico, mas diferente do gás, não perde densidade e não desaparece. A caminho do escritório lança mão de uma decisão desesperada:

"No cansaço - não exatamente cansaço, esta coisa menor, localizável, passageira [...] um completo esgotamento - e mais o limbo da manhã, nesta névoa mental em que o dia pode se transformar em qualquer coisa [...] a decisão foi tomada: abdicar de sua vida sexual."

Abdicar do sexo para salvar-se pode parecer interessante por algumas horas, mas tem a mesma chance de sucesso que inscrever-se naquela academia caríssima após ouvir mais uma descompostura do cardiologista. Fracasso garantido. Nosso amigo não tem ilusões, apenas diverte-se imaginando a reação das pessoas ao revelar sua decisão monástica.

O leitor 'ouve' várias vozes: a do pensamento

de Espinhosa, a dele e a do interlocutor em seus diálogos imaginários e também a de um narrador onisciente. Muitas vezes essas vozes aparecem todas juntas em uma mesma frase, com pouca sinalização tipográfica, mas para o leitor atento isso não apresenta dificuldade porque Cristovão Tezza vem aprimorando esse ritmo sintático há muito tempo.

Cinco anos atrás, quando lançou O professor (Record, 2014), no qual um velho passa a manhã na frente do espelho do banheiro preparando-se para receber uma homenagem enquanto repassa toda a sua vida, Tezza já havia transformado essa técnica em uma de suas marcas de estilo.



Avenida Paulista, palco dos dilemas de Espinhosa.

"... Trata-se de um narrador 'dobrado', que, ao mesmo tempo, está na terceira e na primeira pessoas; sutilmente a frase passa

de um ângulo a outro, aqui e ali. E um reflete o outro e sobre o outro - acho que a nossa cabeça funciona assim, e tenho uma certa obsessão pelos nossos modos de apreensão da realidade."

A ideia de Otavio Espinhosa de renunciar a um prazer, no caso, o sexo, como tentativa de reorganizar sua vida tem respaldo em vários personagens da grande literatura. Celio Waisman, protagonista de *Minha vida sem banho* (Bernardo Ajzenberg, Rocco, 2014) decide parar de tomar banho, quando se depara com uma resistência queimada no chuveiro. Surpreende-se ao descobrir que essa atitude antissocial rende a atenção e

prestígio por que sempre lutou, sem sucesso.

Já David Lurie, criação de J. M. Coetzee no insuperável *Desonra* (Cia. das Letras, 2000) abre mão do amor. O sexo continua, mas somente com prostitutas, com hora e local

marcados por ele. Tudo sob controle - húbri! - até que uma série de catástrofes em sua vida o obrigam a abandonar sua agenda de sexo-à-porter e encarar a realidade. E J.K. Huysman, romancista francês do século 19 autor de *As avessas* (Cia. das Letras, 2001), é o pai de todos os renunciadores: após dedicar sua vida literária ao decadentismo, abordando desde sodomia até satanismo entre os comportamentos proibidos à época, voltou ao catolicismo rígido em sua vida pessoal e em sua literatura.

Para nosso herói Espinhosa o projeto de abdicar do sexo serve como um refúgio do caos à sua volta, porém com muito mais leveza e uma pitada de malandragem: um projeto brasileiro.

As horas da manhã passam rápido no escritório, entre reuniões de alta voltagem e a suspeita, por parte de todos, que cabeças estão prestes a rolar. Débora, a colega bem apessoada, o procura e insinua que tem algo a propor. As fantasias, até então reprimidas em nome da fidelidade conjugal, aceleram seu pulso. Na verdade, Débora sabe muito mais sobre ele do que ele supunha. Sabe que Espinhosa é o autor de um livro de autoajuda publicado sob pseudônimo, do qual ele não se orgulha, mas não nega.

A alfinetada de Tezza no universo da autoajuda é brilhante, a começar do pseudônimo Kelvin Oliva, que significa, afinal, o zero absoluto - representação numérica da contribuição dos livros de autoajuda? A ironia da vida de Espinhosa, que não conseguiu publicar sua tese de economia, afinal produto de muito estudo, mas não teve a menor dificuldade em produzir e publicar um livro lucrativo cujo conteúdo é uma piada não escapa ao leitor atento.

O almoço com a filha é a ilha de paz, ou - arrisquemos - felicidade, no dia dele. É nesse ambiente de sushi e hashi, onde paga-se mais pela ilusão da imersão oriental e sua





Huyssman, pai dos renunciadores.

suposta serenidade do que pelo produto propriamente dito, que Espinhosa consegue reconhecer sem rancor a semelhança da menina com a mãe. Compreende que a filha já não é uma criança, orgulha-se de sua inteligência. Sem saber ela o ajuda a consolidar internamente a ideia do divórcio inevitável e a ver, pela primeira vez desde a

revelação no computador, que a mudança poderá ser boa para todos. Quando volta ao escritório após o almoço, esse homem já não é um derrotado, ainda que o dia possa lhe reservar mais decepções. Há ainda uma tarde e noite plenas de surpresas pela frente.

Dada a estrutura do romance, onde planos temporais e espaciais não têm posição fixa, a sequência dos fatos vai ficando mais clara à medida que o leitor se aproxima do final do livro. É aí que se resolvem as incógnitas da equação que é a vida de Espinhosa. A matemática é mais do que um mote literário, é a metáfora que usa números em vez de palavras: falsidade são emoções com sinais trocados; a imprevisibilidade do comportamento humano aparece na Bolsa de Valores; para maior segurança, as pessoas tendem a se agrupar, assim como investimentos em um *hedge fund*.

A despeito da derrocada econômica do Brasil na época, o assunto em todo lugar era a política, do mais remoto ponto de ônibus ao heliponto na Avenida Paulista. Nesse sentido, *A tirania do amor* é metonímica. O livro é permeado por comentários políticos dos personagens, mas não há qualquer mensagem nisso, apenas reflete a atmosfera com a qual todo brasileiro se identifica:

*"Esta é uma marca de muitos livros meus, e de uma linguagem romanesca que eu chamo de 'realismo reflexivo', o que inclui com frequência o panorama social e político do tempo da narrativa. [...] Os personagens ressoam, no plano individual, uma certa 'voz do tempo', como exemplos de decantações históricas."*

Assim como Espinhosa reflete a infelicidade à sua volta, o escritório reflete a incerteza que nos rodeava.



Bolsa de São Paulo, imprevisibilidade do comportamento humano.

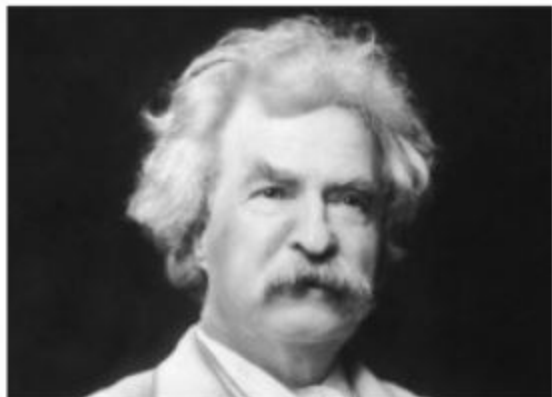
Subjacente a tudo isto estão vidas fraturadas. Não há exageros, nada de suicídio em massa ou tempestade cósmica. A cena mais violenta é um furto de celular à luz do dia - praticamente um ritual de passagem da cidade grande.

Tezza leva a realidade muito a sério, mesmo quando é feia de se ver. Rachel, a esposa adúltera, atribui o fim do casamento à frieza e à indiferença do marido, mas nada parece mais frio do que o deslize (leia-se "maldade") de revelar seu segredo silenciosamente, na madrugada. Ao telefone, o filho Daniel regurgita com violência sobre o pai os chavões marxistas do proletariado europeu do Século XIX, acusando-o do crime de pertencer à burguesia, fascismo, bla, blá, blá, até ver-se obrigado a admitir que o motivo da ligação é pedir dinheiro, já que gastou a mesada em maconha. Nem Rachel, nem Daniel percebem que acusam Espinhosa de seus próprios erros, mas para o leitor isso fica muito claro. Não são caricaturas, são personagens da realidade.

Essa marca realista faz parte da obra de Tezza desde o lançamento de *Trapo*, em 1988 (relançado em 2018), em que o dinheiro e a política não poderiam faltar, apresentados por meio de referências literárias. "A única coisa que, de fato, une o banqueiro ao mendigo, que os coloca no mesmo barco mental, é o valor social do dinheiro", diz o próprio personagem.

Banqueiro e mendigo são figuras da literatura clássica que aborda o tema do valor social do dinheiro, como por exemplo em *O príncipe e o pobre*, de Mark Twain, lançado em 1881, e em *o Mercador de Veneza*,

de Shakespeare. Mas em *A tirania do amor* o dinheiro não é um fim em si, é um meio. Espinhosa é um virtuoso dos números, mas seu senso moral não lhe permite transformar o dinheiro em substituto para o amor perdido. Como para a maioria de nós, para



Twain: valor social do dinheiro.

ele o dinheiro não é o centro de sua vida, é parte dela; não é capaz de resolver todos os problemas, tampouco é a causa de todos eles.

Espinhosa é um Homem Comum semelhante ao personagem medieval, que mediante uma crise em sua vida repassa todos os seus atos. Mas enquanto o Homem Comum medieval só faz esse balanço após a morte, o personagem de Tezza faz isso em vida, o que lhe atribui um certo otimismo, já que terá uma segunda chance. E homens (e mulheres) comuns que somos, é isso, afinal, que todos queremos. |

\*Vivian Schlesinger e escritora e tradutora.



CURSO DE INGLÊS PRESENCIAL IN COMPANY com e-learning

**40%** de desconto\* nas aulas individuais  
Dias, horário e data de início de sua preferência.

10% de desconto no Material didático.

Grátis adquirindo o curso: A distância: on-line (e-learning) e phone calls.

Solicite uma proposta sem compromisso! Ligue: (11) 3881-8700

[cursos@manhattantrade.com.br](mailto:cursos@manhattantrade.com.br)

[www.manhattantrade.com.br](http://www.manhattantrade.com.br)